

**HISTÓRIAS DE VIDA DE DOCENTES-PESQUISADORES: CONTRIBUIÇÕES NO CAMPO DA
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Life Histories of Teachers-Researchers: Contributions in the Field of History of Brazilian Education

Rosângela Maria Castro Guimarães*

MONARCHA, Carlos, GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). *Trajetórias na formação do campo da história da educação brasileira*. (Coleção história, Pensamento e Educação. Série: novas investigações, v. 4) – Uberlândia: EDUFU, 2013, 244 p.

Trata-se de uma coletânea de nove textos, cujos autores são pesquisadores militantes no campo da história da educação brasileira, que atuam em vertentes temáticas diversificadas e representam diferentes instituições universitárias do país. À semelhança de um memorial descritivo relatam e analisam suas trajetórias enfocando, alguns desde a formação escolar inicial, outros se atêm mais à formação superior, e todos se referem ao passado recente. Fazem então uma espécie de balanço de suas atuações como docentes e orientadores, mas principalmente como pesquisadores, quanto aos caminhos que trilharam na direção do referido campo, mencionam as principais produções, suas temáticas ou objetos, as inquietações que as animaram, os conceitos e recursos metodológicos para suas concretizações, os desafios e os resultados obtidos. Por tratar-se de histórias de vidas em construção apontam preocupações atuais e projetos futuros.

Um dos aspectos relevantes se refere aos relatos sobre suas formações (intelectual e profissional) em que nomeiam os diversos autores estrangeiros e brasileiros que conheceram, ou mediante convívio pessoal no ambiente universitário, ou por meio da leitura de obras que passaram a se constituir em referenciais teóricos, metodológicos e epistemológicos de suas próprias investigações.

Cada autor aborda de um modo, ou a partir de um determinado princípio teórico a questão de contar sua própria história. Tarefa que envolve rememoração e um olhar reflexivo na perspectiva do presente, numa espécie de avaliação de tempos já vividos, de escolhas realizadas, ou seja, cada pesquisador assume os papéis de sujeito e de objeto de sua narrativa de vida. Nesse sentido cada texto pode ser lido de forma independente, por isso optamos por apresentar uma síntese individualizada para dar uma noção dos conteúdos específicos desses escritos. (Contudo, a leitura da totalidade possibilita perceber algumas influências recíprocas no campo da pesquisa e entrecruzamentos nas trajetórias de suas vidas, ou em termos de convívio, ou de adoção de conceitos comuns. Mas, também pode-se ver a existência de posicionamentos divergentes).

* Rosângela Maria Castro Guimarães é licenciada em História. Concluiu o Mestrado em 2007 e o Doutorado em 2012, ambos em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Disciplina História da Educação (GEPEDHE) da Universidade Federal de Uberlândia e da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Contato: rmcguimaraes@netsite.com.br

1. Um campo vivo da produção científica: a história da educação brasileira. Por Carlos Roberto Jamil Cury. Na introdução reflete sobre o duplo papel dos docentes: ator e autor, na formação e produção do campo da história da educação, uma vez que ao “buscar uma rigorosa e metódica radiografia do passado combinam com o duplo desejo: comprometer-se no presente pela elevação da qualidade da educação e ver-se reconhecido como pesquisador responsável” (p. 9). Depois analisa a importância da pesquisa histórica para a cultura nacional e o patrimônio cultural brasileiro, à luz da Constituição brasileira de 1988. Sua formação em nível fundamental, descrita com humor, é enfocada como uma fase importante, pelo contato com a literatura, a música, a filosofia, o disciplinamento pessoal, e o convívio com a diversidade cultural dos colegas. Durante a licenciatura em História e Filosofia interessou-se pela disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino, e por meio dela veio o primeiro contato com a legislação educacional brasileira. Mas, explícita como o clima intelectual na universidade depois que se tornou professor (na PUC-SP) foi fundamental para a formação do pesquisador. Nesse contexto aponta nominalmente os clássicos que leu, bem como os estimulantes teóricos nacionais e estrangeiros que conheceu e conviveu no ambiente acadêmico, assim como as ideias que elegera durante o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado para nortear suas pesquisas, cujas temáticas, em geral, visam a compreender a educação brasileira com enfoque a partir da legislação.

2. História da Educação e política educacional: uma articulação necessária. Por José Silvério Baia Horta. O autor situa na fase do curso de mestrado (iniciado em 1971) a sua entrada, do ponto de vista teórico, no espaço do planejamento e da política educacional – tema principal de suas incursões como pesquisador e profissional da educação –, e quanto ao aspecto prático devido sua participação na elaboração (entre 1972/74) do 1º Plano Setorial de Educação e Cultura, junto ao Centro Nacional de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento. Assim, por meio da dissertação intitulada *O Conselho Federal de Educação e o planejamento educacional no Brasil (uma contribuição à história da educação brasileira)*, defendida na PUC-Rio (1975), procura responder suas inquietações relativas à dualidade liberalismo e tecnocracia. No doutorado concluído em 1985, na Universidade de Sorbonne (França), defendeu a tese intitulada *Régime autoritaire et éducation. Le cas du Brésil (1930- 1945) étudié à la lumière du cas de l'Italie (1922-1943)*, em que analisa o papel desempenhado na história da educação brasileira pelas Forças Armadas, Igreja e Estado, à luz do regime autoritário brasileiro no período do recorte, e como contraponto estuda o papel dos mesmos protagonistas no regime fascista italiano. No sentido de deixar que seus textos “falem” por si transcreve suas conclusões em ambas as pesquisas, bem como o faz a respeito de outras produções de sua autoria que também são comentadas.

3. Estações de formação e pesquisa. Por Maria Helena Câmara Bastos. Ao descrever o vivido identifica pessoas, obras, e os contextos político e educacional do país tidos como elementos importantes para as suas decisões. Analisa, e tece críticas aos vários modelos de ensino vivenciados, afeitos às diferentes instituições que frequentou e ao contexto nacional, durante seu percurso de formação escolar inicial (décadas de 1950/60),

a saber: “escola tradicional, tendência humanista tradicional, ideário escolanovista, tendência humanista moderna, tendência tecnicista” (p. 61). Em 1970, já licenciada em História (pela UFRS) iniciou a trajetória profissional e, ao mesmo tempo, aprimorou-se intelectualmente: curso de especialização e muitas leituras voltadas para as disciplinas que começou a lecionar no ensino superior; leu então os clássicos da Sociologia, e outros autores nacionais e estrangeiros ligados aos saberes nas áreas de História, Antropologia, Política, Filosofia, Administração, Economia e Legislação. A década de 1980 foi marcada, pela pós-graduação na USP-SP: mestrado (1982/84) e doutorado (1988/94). O último, em História da Educação, marcou o início de uma nova estação de vida profissional, pois passou a dedicar-se ao ensino e à pesquisa nesse campo, e constituiu a linha de pesquisa denominada “Educação brasileira e cultura escolar: análise de discursos e práticas educativas: séculos XIX e XX”. No decorrer desta década, entre experiências internacionais e novos desafios docentes em instituições gaúchas, participou da fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). Nos anos 2000 veio o pós-doutorado e a concretização de muitas parcerias na área, vários projetos, produções e publicações.

4. Vivências e influências para o ensino e a pesquisa no campo da história da educação. Por Maria Juraci Maia Cavalcante. Para a autora as viagens e as bibliotecas, são elementos marcantes em sua trajetória de vida pessoal e profissional. Contudo, adverte que muitas outras coisas entram no jogo da escolha temática na investigação histórica, dentre as quais enumera: a subjetividade do pesquisador (relacionada com as vivências de cada um), “as influências recebidas de familiares, grupos de pertença, mestres e autores, leituras e livros, circunstâncias políticas e profissionais, bem como das modas temáticas que circulam no mercado editorial e meio acadêmico, onde nos enredamos numa comunidade de contorno internacional” (p. 100). Assim, constrói sua narrativa de vida mencionando a influência de todos esses elementos. A escolha do curso de licenciatura em Ciências Sociais (entre 1974/78) na Universidade Federal do Ceará (UFC) deu-se por afinidade com o campo das Letras e Humanidades. O mestrado iniciado em 1983 teve recorte sociológico, contudo, fez um concurso e foi aprovada como docente para lecionar no curso de Pedagogia (na Faculdade de Educação da UFC). Esta guinada de área foi marcante, pois a levou ao doutorado na Alemanha (1990/95), onde seus horizontes se abriram para a perspectiva comparada em história e educação. Assim ao retornar ao Brasil se engajou no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira na mesma universidade, e como docente ressentiu da falta de uma obra sobre a história da educação no seu estado, então se propôs a sanar esta lacuna. Depois de relatar os processos de realização desse trabalho, tece reflexões sobre os contornos assumidos pelo campo História da Educação, nas últimas quatro décadas, no que se refere ao seu significado, pluralidade de temas, protagonistas e fontes. Outro aspecto abordado: como enveredou pela vertente da História da educação comparada, sobre a qual apresenta uma breve revisão de literatura nacional.

5. Tempos de formação, tempos de produção: rememorando um itinerário. Por Marta Maria Chagas de Carvalho. O curso de Pedagogia (1964/67) e depois o Mestrado em Educação (iniciado em 1971), foram ambos na área de concentração em História e Filosofia da Educação. Como docente, já durante o mestrado, trabalhou em cursos de História da Educação e, assim: “Desde então, me tornei uma espécie de militante da área, lutando pela superação do que eu entendia ser uma situação de relativo desprestígio da disciplina, tanto no campo da Educação como no campo da História” (p. 114). Fiel a esse propósito, a pesquisadora constrói um depoimento sobre duas importantes contribuições suas para a formação e o alargamento desse campo e como o fez, compartilhando com os leitores, por um lado, parte da história da formação do campo em questão, por outro lado, deixa entrever que reflexivamente ela também se formou amadurecendo como pesquisadora. O primeiro relato ocorre em torno dos movimentos de desconstrução e desnaturalização de um velho objeto de pesquisa – a história da ABE, tema da sua tese de doutorado –, para reconstruí-lo como um novo objeto de investigação, agora na perspectiva das representações, ou das práticas discursivas que historicamente construíram a ABE, e não mais no sentido apenas descritivo como até então era usual. Assim, expõe como por meio de novos referenciais teóricos e tratamentos metodológicos (devidamente comentados e identificados), críticas e distanciamento de antigos olhares resultaram novas análises e interpretações. Após a conclusão do doutorado passou a investigar os processos de circulação, difusão e apropriação da chamada pedagogia da escola nova no Brasil. Então descreve o percurso de reavaliação ao escolanovismo no Brasil, na perspectiva teórica da nova história cultural francesa (fundamenta-se principalmente em Michel de Certeau e Roger Chartier). Todavia, ao final, explicita sua inquietação com a situação de distanciamento (ou “fratura”, termo da autora) no Brasil, entre o ensino de História da Educação e a pesquisa, presente desde a década de 1930, e que persiste, mas necessita ser superada.

6. A formação e a autoformação de uma historiadora da educação. Por Marta Maria de Araújo. A receptividade à disciplina História ocorreu já no ensino médio. No curso de Pedagogia tornou-se aprendiz dos fundamentos histórico-filosóficos da educação em contato com a bibliografia utilizada na época. Em 1981, tornou-se professora concursada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No mestrado (1983/85), na mesma instituição, a dissertação apresentou um estudo de caso de recorte histórico e sociológico. Como Mestre em Educação dedicou-se à docência entre 1986 e 1991; preocupada com o ensino, mas também com a extensão promoveu em parceria com colegas o curso de Didática de Ensino (1987/90) para professores do Curso de Magistério. Entre 1991/95 cursou o doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da USP-SP, em cuja tese, ao reconstruir as práticas socioeducativas e os fundamentos que marcaram a trajetória de José Augusto Bezerra de Medeiros¹, empregou o conceito de representação de Roger Chartier para pensar as representações como práticas culturais.

¹ Político e educador norte-rio-grandense, foi presidente da Comissão de Instrução Pública da Câmara Federal (1915/1923) e membro da Associação Brasileira de Educação, desde a fundação (1924) até sua morte (1971) (Araújo, p. 147).

No período do doutorado, estava em curso um novo paradigma de universidade sob os alicerces da formação de grupos de pesquisa e redes de pesquisadores, compartilhando problemas interdisciplinares; então o seu caminho começou a se cruzar com os de outros pesquisadores – cujos nomes são declinados –, entidades de fomento (CNPq), e associações (HISTEDBR, SBHE, Anped, dentre outras). O ensino e a pesquisa são atividades vistas como complementares, nesse sentido enumera sua vasta experiência, e como tem compartilhado e se comprometido com seus alunos na busca da formação de novos pesquisadores iniciando-os “nos segredos e nas dúvidas” da pesquisa científica.

7. A quem possa interessar: notas de uma quase-história. Por Mirian Jorge Warde. Ao pensar sua trajetória a opção foi por destacar suas paixões intelectuais sob o formato de tópicos. No primeiro aborda principalmente a formação intelectual (simultânea à universitária) em que demonstra seu grande interesse por outros campos, além do acadêmico, ao dar centralidade à literatura e ao cinema por meio de um vasto inventário, onde são citadas centenas de livros (e autores) lidos, filmes assistidos (e seus diretores); menciona ainda algumas impressões pessoais e influências de tais obras para a sua formação pessoal. No segundo tópico faz referência às experiências de docência no ensino superior (na PUC-SP, com a disciplina História da Educação Brasileira) simultânea à formação no doutorado, em que enfrentou desafios para a obtenção de fontes de pesquisa; e ainda enfoca os programas de leitura, por interesse pessoal, incluindo vários títulos de autores como Marx, Lênin, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Hegel etc., e planejados com a ajuda de amigos (Florestan Fernandes, Maurício Tragtenberg). Nos dois tópicos seguintes reflete sobre seu exercício e estilo como orientadora de pesquisa, e sua relação direta com a disciplina História da Educação, durante o período de sua formação acadêmica: as bibliografias disponíveis na época, as obras lidas e voltadas especificamente para a área, e o papel de destaque para as teses que descobriu nos acervos das bibliotecas da USP e da PUC-SP. Por fim revela sua relação com a História da Educação tendo como mediador o campo educacional, e não apenas o curso de Pedagogia.

8. Uma história de compromisso e de paixão pelo debate. Por Paolo Nosella. Relata sua trajetória de forma contextualizada, numa inflexão entre os cenários políticos e socioeconômicos (de Itália, onde nasceu em 1942 e viveu até os 25 anos, e Brasil a partir de 1970) e as suas decisões pessoais, bem como seu engajamento político-profissional. Graduou-se em Filosofia na Itália, mas foi no Brasil que iniciou sua vasta e diversificada experiência docente – do ensino fundamental ao superior, em escolas rurais e urbanas, atuando, ao longo do tempo, em três estados brasileiros (Espírito Santo, Piauí e São Paulo). No mestrado em Filosofia da Educação concluído em 1977, na PUC-SP, apresentou uma dissertação² pioneira, quanto ao fato de se constituir em uma pesquisa sobre instituição escolar, linha que viria depois a se consolidar nos programas de pós-

² Título: *Uma nova escola para o meio rural – sistematização e problematização das Escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo*. Em que analisava a origem e a expansão da Pedagogia da Alternância e descrevia o plano pedagógico.

graduação em história da educação em âmbito nacional e internacional. Em seguida veio o Doutorado, na mesma instituição e área do saber; e sua tese³ foi elaborada em momento de efervescência do movimento sindical dos operários do ABC paulista, então escolheu Gramsci como o teórico adequado para ajudá-lo nas análises da situação. São também mencionados outros importantes referenciais de ambas as pesquisas, assim como o faz com relação às bibliografias clássicas mais utilizadas pelo grupo de professores do Mestrado em Educação da UFSCar, quando passou a integrá-lo a partir de setembro de 1979. As décadas de 1980, 1990 e 2000 foram de atividades intensas: ensino, orientações, pesquisas (com destaque para os trabalhos envolvendo Gramsci, ou como objeto, ou como referencial teórico) conferências em eventos, e debates, tudo devidamente descrito e comentado. Revela que mantém intercâmbio com Mario Alighiero Manacorda, com a Fundação Antônio Gramsci e com a Universidade de Padova, que constituem suas referências culturais na Itália. Se autodefine como um “debatedor” e acrescenta ao seu texto um *post-scriptum* que traz um debate (realizado via e-mail, com Demerval Saviani), que nos possibilita perceber a dimensão e o clima que permeiam as discussões que propõe.

9. Minha passagem pelo campo da História da Educação. Por Zaia Brandão. Relembra que fez curso normal e depois pedagogia por circunstâncias familiares e de época, contudo, insatisfeita com o “baixo capital cultural” obtido nesses cursos (embora durante a graduação tenha se engajado na militância estudantil, convivido no ambiente político dos diretórios acadêmicos e feito leituras importantes) buscou na pós-graduação uma formação que lhe conferisse mais desenvoltura para circular nos campos da Sociologia e da História. Recém formada, assumiu em 1963 a docência no ensino superior na então Faculdade de Filosofia da PUC – Rio. O mestrado foi iniciado em 1966, nessa mesma instituição. Vivenciou além desta, outras experiências profissionais, como educação de adultos via radiofonia, morou em Alagoas entre 1967 e 1970, onde trabalhou na Secretaria Estadual de Educação e ministrou cursos na Universidade Federal de Alagoas, e retornou ao Rio dando continuidade ao mestrado e à docência, cuja marca foi a ousadia, por querer ensinar diferente e com a participação intensa dos próprios alunos. Teve uma passagem pela gestão pública, em 1987, como Diretora do Departamento Geral de Educação, da Secretaria Estadual do Rio de Janeiro, sobre a qual afirma que muito aprendeu “a respeito das *grandezas e misérias da educação brasileira*”. Todavia, foi no doutorado (a partir de 1981) o seu encontro com a História da Educação, cuja problemática refere-se aos desdobramentos sobre as interpretações do Movimento da Escola Nova no Brasil e contou com a colaboração efetiva de Paschoal Lemme, um dos integrantes da esquerda à época e “o último dos pioneiros”. Após o doutorado, apresentou projeto de pesquisa junto ao CNPq, cujo resultado levou a publicações e ao nascimento do Grupo de Pesquisas em História e Sociologia da Educação. Afirma não se sentir jamais “pronta”, mas permanentemente “aprendiz”. Também se autodefine como “*Zaia rebelde*”, um *habitus* sobre cujas origens e consequências ela tece suas explicações.

³ Título: *Pensamento operário: do movimento puramente econômico (ou egoísta passional) ao momento ético-político, um estudo sobre cinco metalúrgicos de São Paulo.*

A relevância da obra organizada por Monarcha e Gatti Júnior (2013) deve-se, dentre outros aspectos em, ao mesmo tempo, ser História e memória. História porque se apóia em evidências documentadas, quando os autores tratam sobre suas produções, pesquisas, publicações e outras atuações profissionais, e memória quando traz as impressões e relatos das vivências cotidianas, familiares e sociais, suas experiências pessoais ou coletivas, momento que as fontes objetivas são dispensadas. Como história consiste em uma meta história, pois remete ao percurso histórico de formação das pessoas e, conseqüentemente do campo da história da educação brasileira. Como memória, pode ser uma leitura de lazer e, assim, possibilitar a um público mais amplo conhecer inspiradoras trajetórias de vida. Nesse sentido, o público alvo da obra se torna muito variado, uma vez que pode interessar a qualquer pessoa que preze leituras sobre biografias; mas também, e principalmente, aos estudantes de graduação, ou pós graduação, em Educação, ou em História – os futuros professores e pesquisadores –, e contribuir por um lado, para o conhecimento sobre a trajetória do campo, por outro lado, para criar identidades, ou (que seja o desejo de) laços de pertencimento a um grupo, pois

[na] era de globalização, na qual estamos vivendo, há o esfacelamento de nossas particularidades e individualidades, o sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo no qual desempenhamos um papel social, ao qual estamos emocionalmente e afetivamente ligados e com o qual nos identificamos, é muito importante para o ser humano e sua formação como sujeito histórico (Zamboni, p. 374, 2003).

Nessa linha de pensamento acreditamos que em algum momento, durante a leitura dos diversos textos que compõem esta significativa obra, a identificação entre as histórias/memórias dos autores e as vivências (ou os projetos de vida) dos leitores certamente irá aflorar, e possibilitar aos últimos algum sentimento de ligação com o campo, mediante o que foi vivenciado pelos docentes-pesquisadores.

Referência

ZAMBONI, Ernesta. Projeto pedagógico dos parâmetros curriculares nacionais: identidade nacional e consciência histórica. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 367-77, dez. 2003.

*Recebido em maio de 2013
Aprovado em junho de 2013*